

Baker quer injetar novo impulso à renegociação da dívida do Terceiro Mundo

por Stewart Fleming e Philip Stephens
do Financial Times

O secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, tentará injetar novo impulso à enfraquecida estratégia para o tratamento da dívida do Terceiro Mundo durante as reuniões anuais do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) que começaram neste final de semana. Mas as autoridades norte-americanas, embora acreditem que poderá haver mais progressos nos esforços para melhorar o processo pelo qual os principais países industrializados estão buscando uma melhor coordenação da política econômica, admitem que não se devem esperar grandes iniciativas novas em relação à política econômica.

"Não se devem esperar grandes mudanças na política macroeconômica por parte dos países soberanos simplesmente porque temos uma importante reunião", disse um alto funcionário do governo Reagan.

Um dos principais objetivos dos esforços dos sete principais países industrializados para melhorar a cooperação na política econômica foi tentar corrigir seus enormes desequilíbrios fiscais e da conta corrente, particularmente o obstinado déficit comercial norte-americano, que neste ano deverá ficar novamente na faixa de US\$ 150 bilhões a us\$ 160 bilhões.

Os Estados Unidos continuam a insistir em que um crescimento mais rápido no resto do mundo — especialmente no Japão e na Alemanha Ocidental — é a abordagem correta para resolver este problema, embora alguns economistas estejam começando a sugerir a necessidade de uma recessão nos Estados Unidos para conseguir reduzir o déficit a níveis que possam evitar um constante acúmulo da dívida externa norte-americana.

Desde o ano passado, mas particularmente desde que o Brasil declarou uma moratória sobre os pagamentos de juros da dívida aos bancos comerciais e que os principais bancos norte-americanos começaram a fazer reservas contra empréstimos problemáticos do Terceiro Mundo, a estratégia para a dívida parece estar-se enfraquecendo.

Uma crescente relutância por parte dos bancos comerciais em comprometer-se a conceder novos crédito a países endividados foi considerada como uma grande fraqueza do Plano Baker. Esse ponto foi destacado em princípios desta semana, quando o Instituto para as Finanças Internacionais, uma organização de Washington pertencente aos bancos, afirmou que não se poderia esperar que os bancos continuassem a ser "o último recurso para fornecimento de empréstimos" aos países em desenvolvimento fortemente endividados.

Nas reuniões dos próximos dias, Baker deverá continuar, porém, a afirmar que as linhas gerais da estratégia por ele proposta em Seul ainda são válidas.

Mas, ao mesmo tempo, ele deverá dar um destaque maior à necessidade de uma flexibilidade maior na forma dos pacotes de empréstimo a fim de tentar garantir a constante participação dos bancos comerciais.

"Os Estados Unidos serão muito mais específicos em relação aos detalhes dos itens do 'menu'", disse um alto funcionário do governo.

O chamado "menu" de



James Baker III

opções" para o reescalonamento da dívida do Terceiro Mundo envolve o uso de alternativas mais flexíveis de financiamento para substituir alguns empréstimos bancários. O funcionário recusou-se, porém, a falar sobre a especulação segundo a qual os Estados Unidos estão-se preparando para modificar suas normas bancárias a fim de facilitar novos empréstimos dos bancos comerciais.

A preocupação crescente dos Estados Unidos com a situação da dívida do Terceiro Mundo reflete em parte o destaque cada vez maior que está sendo dado à necessidade de inserir os países em desenvolvimento no processo de redução dos desequilíbrios comerciais, diminuindo os enormes superávits de países recém-industrializados, como Formosa, e tornando mais fácil para os países latino-americanos em desenvolvimento a compra de exportações norte-americanas.

Os ministros das Finanças da Europa e do Japão que participam das reuniões consideram um novo período de estabilidade nos mercados de câmbio exterior como algo crucial para a reativação da confiança industrial e os investimentos fora dos Estados Unidos, que reforçariam as perspectivas de um crescimento mais rápido.

Ao mesmo tempo, eles destacarão o aumento no volume dos fluxos comerciais como uma prova de melhora da posição comercial básica dos Estados Unidos.

Entretanto, alguns altos funcionários monetários admitem que, mesmo que os sete principais países industrializados reafirmem ainda hoje, como se espera, o Acordo do Louvre, feito em fevereiro, seu constante sucesso dependerá de uma melhora visível no déficit comercial nominal dos Estados Unidos nos próximos meses.

O ministro das Finanças da Alemanha Ocidental, Gerhard Stoltenberg, e o chanceler do Tesouro britânico, Nigel Lawson, pressionarão também Baker a garantir uma redução do déficit orçamentário dos Estados Unidos no próximo ano para sustentar o acordo. Stoltenberg manifestou ontem a esperança de que a resolução sobre o orçamento, tomada nesta semana pelo Congresso, significará uma nova redução substancial do déficit em 1988.

Stoltenberg, que parte amanhã de Washington, minimizou as sugestões de que o governo de Bonn está sendo fortemente pressionado pelos Estados Unidos a adotar novas medidas para estimular sua economia.

Stoltenberg disse que o impacto da reforma fiscal da Alemanha Ocidental levará algum tempo para causar um aumento do crescimento.

Kiichi Miyazawa, ministro das Finanças do Japão, que ontem manteve conversações bilaterais com Baker, pretende aproveitar-se das reuniões do FMI para colocar o Japão em destaque no tratamento da crise da dívida.